

## **Bloomfield revisitado: processos de formação de palavras do vocabulário *chayenês***

Felipe Augusto Santana do Nascimento  
*Universidade Federal de Pernambuco*  
*Recife - PE*

Vinícius Nicéas do Nascimento  
*Universidade Federal de Pernambuco*  
*Recife - PE*

**Resumo:** Este trabalho visa discutir as contribuições do americano Leonard Bloomfield para a linguística atual, em especial a linguística brasileira. Ao partir de uma perspectiva histórico-linguística sobre a teoria bloomfieldiana, faremos um percurso sobre o Estruturalismo Americano, seus fundamentos epistemológicos e alcances, e a teoria do descritivismo/distribucionalismo proposta por Bloomfield, principalmente no que tange às contribuições aos estudos morfológicos, a fim de demonstrarmos a atualidade e importância de suas reflexões. Dessa forma, ao fazermos uso da descrição bloomfieldiana das formas linguísticas, relacionaremos as construções linguísticas do vocabulário *Chayenês* às possibilidades imanentes da língua portuguesa de permitir associações e substituições nas construções de novas palavras, observando o funcionamento organizacional da língua nos seus aspectos regulares e reiteráveis.

**Palavras-chave:** Bloomfield. *Chayenês*. Estruturalismo Americano. Morfologia.

**Resumen:** El trabajo pretende estudiar las contribuciones de Leonard Bloomfield para la lingüística actual, en particular la lingüística brasileña. Desde un punto histórico-lingüístico acerca de la teoría blomfieldiana, vamos a hacer un recorrido acerca del Estructuralismo Americano, sus fundamentos epistemológicos y sus alcances, y la teoría del descritivismo/distribucionalismo propuesta por Bloomfield, principalmente sus contribuciones a los estudios morfológicos, con el objetivo de señalar la actualidad y la importancia de sus reflexiones. De esta forma, al hacer uso de las descripciones de las formas lingüísticas, vamos a relacionar las construcciones lingüísticas del vocabulario *Chayenês* a las posibilidades inmanentes del idioma portugués de permitir asociaciones y reemplazos en la creación de nuevas palabras, observando el funcionamiento organizacional del idioma en sus aspectos regulares y repetibles.

**Palabras-clave:** Bloomfield. *Chayenês*. Estructuralismo Americano.

Morfología.

*Que l'étude du langage puisse nous aider à comprendre et à contrôler les événements humains, n'est encore qu'une perspective – mais peut-être pas irrémédiablement éloignée.*

**Le langage.** Leonard Bloomfield<sup>1</sup>

## **Introdução**

A preocupação com a linguagem já era objeto de interesse do homem desde os tempos dos hindus e dos gregos. No entanto, é só no início do século XX, com o surgimento da obra póstuma atribuída a Ferdinand de Saussure, o *Curso de Linguística Geral*, de 1916, organizada por seus alunos Charles Bally e Albert Sechehaye a partir de anotações de cursos ministrados, que a disciplina linguística é então instaurada. Foi inserido em uma conjuntura positivista de fazer ciência, cujo ideal científico prezava por uma metodologia científica que garantisse resultados objetivos, que Saussure instituiu a ciência linguística por meio de dicotomias, que marcaram toda a linguística do século XX. O gesto fundador de Saussure, que estabelecia os estudos sincrônicos em detrimento dos diacrônicos e privilegiava os estudos da língua em detrimento dos da fala, logo teve repercussões para os estudos da linguagem, fato que possibilitou outros olhares para os fenômenos linguísticos.

Na esteira do pensamento saussuriano, Leonard Bloomfield, nos Estados Unidos, é um dos estudiosos que foi influenciado pelas ideias esboçadas no *Curso*. Entretanto, o seu olhar sobre a língua adquire um trato especial, haja vista que os estudos behavioristas e antropológicos vigoravam na época. Soma-se a isso, o fato de que, “[...] nos EUA, havia centenas de línguas indígenas não descritas, que corriam o risco de ficarem inacessíveis.” (WEEDWOOD, 2002, p. 129). É, então, inserido nesse contexto, que Bloomfield “[...] aplicou a teoria estruturalista de Saussure nos Estados Unidos de modo muito particular, privilegiando a descrição das leis do sistema linguístico.” (BERTUCCI, 2008, p. 68). Esse olhar dado por

---

<sup>1</sup> “Que o estudo da linguagem possa nos ajudar a compreender e a controlar os acontecimentos humanos, não é ainda mais uma perspectiva – mais talvez não irremediavelmente afastada.” (BLOOMFIELD, 1970, p. 480, tradução nossa). A citação refere-se à última oração da obra *Le langage*, de Bloomfield, na qual ele discorre sobre as “Aplicações e perspectivas” de sua teoria.

Bloomfield aos estudos da linguagem marcou toda a linguística americana e influenciou os estudos imanentes da língua produzidos inclusive no Brasil.

Com o intuito, portanto, de ratificar a atualidade e, principalmente, as contribuições da teoria bloomfieldiana para os estudos da linguagem, vamos observar o funcionamento organizacional da língua sob a perspectiva bloomfieldiana e seus desdobramentos, em especial no que tange aos processos de formação de palavras. É por meio, então, do vocabulário *Chayenês* que discutiremos como determinadas palavras, já previstas na organização interna da língua, são criadas e passam a ser usadas pelos falantes da língua, sem estranhamento para eles, como se tais palavras já pertencessem à língua. É o caso das palavras do vocabulário *Chayenês*, usado pela personagem Chayene, da novela global *Cheias de Charme*<sup>2</sup>, que incorpora à sua fala palavras que não existiam na língua, mas que são morfologicamente possíveis, fazendo, portanto, parte do potencial do sistema linguístico.

Ao se discutir os processos de formação de palavras do vocabulário *Chayenês*, propomo-nos revisitar a teoria bloomfieldiana para entender seus fundamentos teóricos e suas contribuições para os estudos da linguagem, principalmente no que toca à morfologia, para mostrar que determinados aspectos abordados por Bloomfield foram basilares para os estudos atuais nesse campo.

### **Dos fundamentos teóricos: o estruturalismo americano**

Com o advento do pensamento positivista, no século XIX, a concepção de ciência passou por profundas transformações, já que o estudo científico objetivava não mais se basear na procura pelas causas dos fatos, mas pela busca das “[...] ‘leis’ que regiam os fatos.” (BERTUCCI, 2008, p. 69). No intuito, então, de “[...] descrever os mecanismos do mundo.” (*idem*), os positivistas acreditavam que, por meio da observação dos fatos, seria

---

<sup>2</sup> A novela global *Cheias de Charme* (exibida às 19h) foi considerada por muitos críticos como a melhor novela de 2012, disputando a audiência com a novela também global *Avenida Brasil* (exibida às 21h – horário nobre da televisão brasileira). Ao trazer aos telespectadores o mundo dos famosos (por meio do grupo musical “Empreguetes” e da cantora Chayene), a novela ganhou o gosto popular e passou a ser referência para parte da população no tocante à moda a ser utilizada nas ruas, bem como em relação às palavras e expressões incorporadas à fala pelo público. Parte dessas palavras e expressões usadas na novela ficou conhecida como *Chayenês* em referência à personagem Chayene, que criava novas palavras para expressar suas necessidades.

possível chegar à verdade sobre esses fatos<sup>3</sup>. Para tanto, em se tratando de ciências humanas, a dificuldade estava no tratamento do objeto, já que não se procurava compreender o funcionamento das leis, mas suas causas.

Nessa conjuntura, o papel de Saussure foi determinante para as ciências humanas, pois, ao delimitar o objeto dos estudos da linguagem e, portanto, ao instaurar a disciplina Linguística, ele conseguiu articular o pensamento positivista da época aos estudos da linguagem e dar à Linguística o *status* de ciência, livrando-a de um estudo que prezava a busca das causas (a exemplo da Filologia) e possibilitando um estudo que visava o funcionamento interno da língua, em uma perspectiva sincrônica. A Linguística, assim, passou a ser considerada a ciência piloto que influenciava as demais ciências humanas na construção de seus objetos de estudo e de suas metodologias.

Nos EUA, a influência positivista também se fez presente. No entanto, a situação vivenciada pela ciência americana era bem distinta da europeia. Como afirmamos anteriormente, a forte presença do behaviorismo e o grande número de línguas indígenas na região são os elementos que vão nortear a Linguística americana dessa época. Bloomfield trabalhou no agrupamento dos idiomas nativos americanos e posteriormente se dedicou aos estudos de línguas indo-europeias e ameríndias. Também fundou a *Sociedade Linguística da América* e foi considerado, juntamente com Edward Sapir, o precursor do Estruturalismo Americano, seguido pelos estudos de seu discípulo Zellig Harris. É com a publicação de *Language*, em 1933, que o pensamento de Bloomfield, já consolidado e amadurecido, torna-se um marco para o Estruturalismo Americano, sendo um referencial de grande influência para toda a linguística até a década de 1950, quando se desenvolvem os estudos gerativistas, propostos por Noam Chomsky.

Ao optar, então, pela psicologia behaviorista, Bloomfield deu à linguística americana o seu corte epistemológico, estabelecendo um método de investigação linguística que servisse para analisar qualquer língua do mundo. Influenciado pelos estudos behavioristas que desconsideravam qualquer influência mentalista no processo de aquisição e uso da linguagem,

---

<sup>3</sup> É importante ressaltar que o método proposto pelos positivistas, para garantir a cientificidade do estudo, é o observacional. Esse método teve implicações na teoria bloomfieldiana, já que Bloomfield privilegiou, nos seus estudos, a observação dos dados e, por conseguinte, a descrição deles. Entender os fundamentos teóricos e o contexto de criação da teoria ajuda a compreender melhor o desenvolvimento da teoria e seus desdobramentos.

Bloomfield voltou-se para o que é exterior ao indivíduo e, portanto, observável. Dessa forma, privilegiou um método de análise que se baseia no estudo observacional e, portanto, na indução. Ao fazer uso do campo da psicologia, ele reatualiza a proposta behaviorista para pensá-la no campo da Linguística e, portanto, compreender os fenômenos linguísticos, a fim de descrevê-los e prever possíveis usos da língua em determinadas situações.

Esse posicionamento bloomfieldiano, ao mesmo tempo que respondia às necessidades da época de um estudo positivista, isto é, de um estudo que se baseava na observação dos fatos, dialogava com um estudo social feito na esteira do antropólogo Franz Boas, que se dedicava ao estudo de línguas indígenas americanas. Nesse sentido, como se tratava de línguas ágrafas, tais estudos se voltaram para a descrição dessas línguas, que era feita a partir do método observacional, em uma perspectiva sincrônica.

Ao observar o funcionamento da organização da língua, Bloomfield foi responsável por instaurar e propor um novo olhar sobre os estudos da linguagem por meio do que se convencionou chamar de teoria descritivista bloomfieldiana, ao contribuir, como afirma François no prefácio da versão francesa *Le langage* (1970), dando “[...] à linguística seu campo de estudo e seus métodos.” (FRANÇOIS *apud* BLOOMFIELD, 1970, p. 7).<sup>4</sup>

### **Teoria descritivista bloomfieldiana**

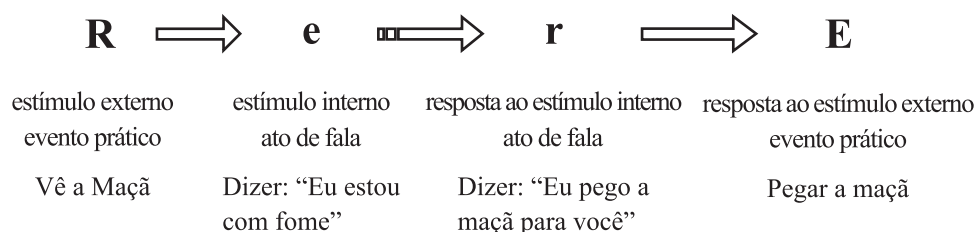
A teoria bloomfieldiana, fortemente influenciada pela psicologia behaviorista visava explicar e, portanto, prever o comportamento humano através de um estudo comportamental. Para tanto, fez uso de fatores externos ao homem e se contrapôs a um posicionamento mentalista vigente na época. Tal postura influenciou a teoria bloomfieldiana, principalmente no tocante ao par estímulo-resposta e ao trabalho mecanicista que sua teoria adquire dos behavioristas. Sendo a língua, então, entendida como uma entidade autônoma, para Bloomfield, era possível estudá-la pelo viés dos behavioristas, entendendo-a como uma resposta a estímulos dados pelo ambiente. Nesse sentido, como afirma Bertucci (2008, p. 74), “[...] os eventos extralinguísticos podem ser substituídos por um ato linguístico”. Assim, por meio de um estímulo (E), será possível alcançar uma resposta (R), que se materializará em atos de fala. A fim de elucidar sua proposta, Bloomfield faz uso de um exemplo, no qual somos levados a imaginar um casal andando por uma estrada:

---

<sup>4</sup> “[...] la linguistique son champ d'étude et ses méthodes.” (tradução nossa).

Supomos que Jack e Jill descem um caminho estreito. Jill sente fome. Ela vê uma maçã na árvore. Ela faz um ruído com sua laringe, sua língua, seus lábios. Ele pula a cerca, sobe na árvore, pega a maçã e a dá nas mãos de Jill, ela come a maçã. (BLOOMFIELD, 1970, p. 26-27)<sup>5</sup>

Por meio desse exemplo, Bloomfield discute a distinção entre eventos práticos e atos de fala sob o olhar do par estímulo-resposta. Nesse sentido, o evento prático (Jill sente fome. Ela vê uma maçã na árvore.) é o estímulo (E) que impele uma resposta (R) que, no exemplo dado por Bloomfield, materializa-se no evento prático (Jack pula a cerca, sobe na árvore, pega a maçã e a dá nas mãos de Jill.). A situação (Ela faz um ruído com sua laringe, sua língua, seus lábios.), ao contrário de ser um evento prático, é, no exemplo dado por Bloomfield, uma reação física e fisiológica que poderia ser facilmente substituída por um ato de fala (também conhecido por ato linguístico) dito por Jill, como: “Estou com fome”. Esse ato linguístico é o estímulo (e) – e minúsculo – que provocará uma resposta do ouvinte (r) – r minúsculo –, ou seja, um ato linguístico por Jack: “Eu pego a maçã para você”. E, portanto, materializa-se na resposta (R), o evento prático, o ato de pegar a maçã. Na tentativa de facilitar a compreensão dessa parte da teoria bloomfieldiana, propomos o esquema abaixo:



Para Bloomfield, os estímulos externos (os eventos práticos - estímulos extralinguísticos) são responsáveis pelos estímulos e respostas internos (a produção dos atos de fala ou atos linguísticos). Assim, para ele, “[...] o linguista ocupa-se unicamente dos sinais linguísticos, [pois] não é competente para se ocupar dos problemas de fisiologia ou neurologia.” (BLOOMFIELD, 1929 *apud* MOUNIN, 1973, p. 121). Na procura, então, de entender os sinais linguísticos, Bloomfield descreve os atos de fala,

<sup>5</sup> “Supposons que Jack et Jill descendent un sentier. Jill a faim. Elle voit une pomme sur un arbre. Elle fait un bruit avec son larynx, sa langue et ses lèvres. Jack saute la barrière, grimpe à l’arbre, prend la pomme, l’apporte à Jill, la pose dans main, Jill mange la pomme.” (tradução nossa).

buscando um comportamento geral que rege o sistema da língua. Para tanto, ele define o seu objeto de descrição: “[...] a totalidade dos enunciados que podem ser feitos numa comunidade linguística”, sendo esta totalidade “[...] a língua desta comunidade linguística.” (BLOOMFIELD, 1926, p. 48). Dessa forma, Bloomfield propõe sua teoria apoiando-se em três níveis da língua: a fonologia, a morfologia (esse dois níveis com mais ênfase) e a sintaxe. Para esse estudo, enfatizaremos o seu trabalho com a morfologia.

Por morfologia de uma língua, nós entendemos as construções nas quais as formas fixas aparecem entre os constituintes. Por definição, as formas resultam em/no som, seja as formas fixas, seja as palavras, mas jamais sintagmas. Nós podemos então dizer que a morfologia compreende as construções das palavras ou partes das palavras, enquanto a sintaxe compreende as construções de sintagmas. (BLOOMFIELD, 1970, p. 195)<sup>6</sup>.

Sendo, então, a morfologia o estudo das construções das palavras, Bloomfield distingue algumas classes de palavras para, posteriormente, entender como elas são construídas. As unidades mínimas que compõem as palavras, ele designa como morfemas, isto é, as unidades mínimas que possuem significado. Para Bloomfield (1926, p. 48), assim, “[...] uma forma que pode ser enunciada é livre. Uma forma que não é livre é presa.” Seguindo esse raciocínio, as palavras, então, para Bloomfield, apresentam três tipos de construções morfológicas, formadas por constituintes imediatos: composição, derivação secundária e derivação primária.

A palavra, nessa perspectiva, é dividida em dois tipos: palavras secundárias e palavras primárias. As secundárias correspondem às palavras compostas (que contêm mais de uma forma livre – a exemplo da palavra beija-flor) e às palavras secundárias derivadas (contêm uma forma livre que é também a forma base – a exemplo da palavra beija-flores); as primárias, por sua vez, correspondem às palavras primárias derivadas (que contêm mais de uma forma ligada – ex.: jogos [jogo, -s]) e às palavras-morfemas (formadas apenas por um morfema livre – ex.: fê). (BLOOMFIELD, 1970, p. 197). Ao delimitar os tipos de construções morfológicas, Bloomfield ressalta que essa classificação, apesar de buscar um comportamento geral das línguas, tem suas particularidades.

---

<sup>6</sup> “Par morphologie d’une langue, nous entendons les constructions dans lesquelles les formes liées apparaissent parmi les constituants. Par définition, les formes résultantes son, soit des formes liées, soit des mots, mais jamais des syntagmes. Nous pouvons donc dire que la morphologie comprend les constructions des mots ou de parties de mots, tandis que la syntaxe comprend les constructions de syntagmas . (tradução nossa).

Destaca, igualmente, que o linguista tem que estar atento, em sua descrição, às particularidades de cada língua. No Brasil, a teoria bloomfieldiana ganhou sua especificidade e passou por alguns desdobramentos.

### **Traços de Bloomfield hoje: a formação de palavras**

A teoria de descrição das línguas e suas estruturas de constituição, postulada por Bloomfield (1926; 1970), privilegiou a descrição de morfemas e suas regras internas de combinação, pois considerava que, por meio do conhecimento dos morfemas de uma língua, pode-se entender o significado de palavras ainda não ditas e a criação de novas palavras. Tal teoria exerceu grande influência nos trabalhos de descrição da língua portuguesa concebidos por Câmara Jr (1985), no tocante à descrição dos morfemas, unidades mínimas com significação.

Bloomfield (1926, p. 48) definiu o morfema como “[...] uma forma recorrente (com significado) que não pode, por sua vez, ser analisada em formas menores recorrentes (com significado).” Esse posicionamento permitiu considerar os morfemas como o objeto de análise das línguas, deixando de focalizar os fonemas. Para Bloomfield (1926), as formas existentes numa determinada língua são finitas em número. Isso justificaria, então, a necessidade de investigar as formas e as regras de combinação dessas formas, possibilitando conhecer com maior profundidade a estrutura da língua e suas possibilidades de uso. A influência mais tácita de Bloomfield nos trabalhos de Câmara Jr. é a classificação dos morfemas em formas livres e presas.

Segundo Câmara Jr. (1985), as formas livres se configuram como os morfemas que se realizam isoladamente com comunicação suficiente, considerando, por exemplo, o advérbio bem e/ou o substantivo livro. Um vocábulo livre pode apresentar mais de um morfema ou coincidir com o próprio morfema (ex.: bem, paz). Também influenciado por Bloomfield, Câmara Jr. (1985) define as formas presas como as formas que funcionam agregadas a outras formas, só se realizando nessa formação, como os afixos, os morfemas flexionais e derivacionais<sup>7</sup>, a exemplo do sufixo –eza, no substantivo certeza ou da forma de primeira pessoa do plural –mos do verbo cantamos.

---

<sup>7</sup> Bloomfield denomina as formas presas que são partes de uma palavra de formativos. (BLOOMFIELD, 1926, p. 49).



Essa perspectiva de descrição dos morfemas também influenciou diversos gramáticos brasileiros na escrita de suas obras, tais como: (i) Cunha e Cintra (1985), com a descrição dos tipos de morfemas pela forma, formas livres ou presas, e pelas características dessas formas, distinguindo morfemas lexicais de morfemas gramaticais; (ii) Bechara (1999), com a definição dos morfemas da língua, especialmente dos afixos, que são as formas presas; e (iii) Perini (2000), que trata das formas presas para realizar a distinção entre os morfemas flexionais dos morfemas derivacionais. Também influenciou Laroca (1994, p. 29) na classificação dos morfemas do português, a qual salientou que esses “[...] mantêm o mesmo traço semântico em todas as estruturas onde ocorreu.”

Ainda em relação às influências de Bloomfield, há o trabalho de Câmara Jr. (1985; 1997), que introduz o conceito de formas dependentes, caracterizando-se por serem formas isoladas formalmente, mas que funcionam na relação com outros constituintes, ou seja, possuem autonomia formal, mas não fonológica. Nessas formas se enquadram os artigos, as preposições, os pronomes oblíquos átonos e algumas conjunções (ex.: um carro; estrada de barro; Eu me demito; estou com você, respectivamente).

Com isso, acreditamos que, como apontou Bloomfield (1970), o conhecimento dos morfemas constitutivos das palavras de uma língua possibilita compreender as construções lexicais e ajuda, também, no processo de compreensão dessas. Mesmo sendo um trabalho de perspectiva estrutural, “[...] a apreensão dos morfemas não se reduz a um mero exercício formal; é fundamental que se leve em conta o elemento semântico.” (KEHDI, 1996, p. 23).

Conhecendo as formas mínimas dotadas de significação, podemos, então, perceber as possibilidades de combinação e uso dessas formas nas palavras da língua. Os estudos que dão conta de tais possibilidades são as investigações dos processos de formação de palavras, os quais têm bastante influência da teoria bloomfieldiana.

Os processos de formação de palavras da língua portuguesa estão descritos em diversos trabalhos, como as gramáticas já mencionadas, e se caracterizam pelas possibilidades de combinação e criação lexical de que o português dispõe. (CÂMARA Jr. 1985; CUNHA, 1976; FREITAS, 1991). Esses processos de formação são classificados da seguinte forma: composição, derivação, redução, onomatopéia e hibridismo. Não nos

detivemos, nesse trabalho, em tratar da totalidade desses processos, pois nem todos se configuram diretamente como formação de palavras a partir da combinação de morfemas, que é nosso foco de análise. Assim, tratamos dos processos de formação de palavras observados no vocabulário *Chayenês*, a saber: a composição, a derivação e o hibridismo.

A composição é o processo no qual se faz a associação significativa de duas palavras, em que a nova palavra contém as significações das que a compõem. O processo de composição se subdivide em aglutinação, na qual há a supressão de partes dos vocábulos combinados, formando um único vocábulo fonológico (ex.: planalto, embora); e justaposição, processo no qual as palavras são ligadas sem alteração da estrutura das partes combinadas (ex.: passatempo, guarda-chuva). A justaposição pode ocorrer com a interposição do hífen, sinal gráfico que marca a junção das palavras, porém também é realizável sem o uso desse recurso, conservando a autonomia gráfica<sup>8</sup> das palavras (ex.: estrada de rodagem, Idade Média, pai de família), conforme Cunha. (1976, p. 122).

O processo de derivação consiste na combinação de morfemas ao radical, formando um novo vocábulo com a manutenção da significação básica da palavra original. Este processo é realizado com o acréscimo de afixos, sendo derivação prefixal quando se acrescenta um prefixo (ex.: infeliz, reescrever) e derivação sufixal quando se acrescenta um sufixo (ex.: igualdade, felizmente, cantávamos), permitindo a flexão, no caso dos verbos, e mudança de gênero, número e grau. Também há a derivação parassintética, que consiste no acréscimo de um prefixo e um sufixo simultaneamente (ex.: envernizar, anoitecer).

Kehdi (1996, p. 27) adverte que “[...] a diferença entre prefixos e sufixos não é meramente distribucional. O acréscimo de um prefixo não contribui para a mudança de classe do radical a que se atrela, diferentemente do que ocorre com os sufixos.” Ou seja, os prefixos são formas presas que possibilitam novas palavras, mas mantêm a classe gramatical, enquanto os sufixos, também formas presas, são responsáveis pelas flexões e derivações, possibilitando a mudança da classe (ex.: último – ultimamente, em que o adjetivo passa a ser advérbio com a aplicação do sufixo -mente).

---

<sup>8</sup> Perini (2000) aponta que essas formas justapostas sem hífen podem se configurar como expressões idiomáticas. Não podem, portanto, ser consideradas como frases ou sintagmas, segundo ele, pois não podem ser interrompidas sem destruir o efeito de sentido da expressão.

Também há o processo de hibridismo, que se realiza a partir da utilização de morfemas (ou palavras) de línguas diferentes (ex.: biologia, automóvel). O hibridismo, então, é um processo de composição, e como tal é realizado com formas livres; o que difere esse processo dos outros de composição é a origem das formas livres que se unem.

Com base nesses pressupostos, na relação de combinação de formas livres para a formação de palavras por composição e hibridismo, e na combinação de formas livres e presas para a formação de palavras por derivação, analisaremos os vocábulos do *Chayenês*.

### **O vocabulário *Chayenês***

Como já apontado anteriormente, o vocabulário *Chayenês* é formado pelas palavras criadas pela personagem Chayene da novela *Cheias de Charme*. Chayene carrega os traços de um falante piauiense, com sotaque peculiar e termos regionais próprios para designar coisas, sentimentos e acontecimentos<sup>9</sup>. Nesse sentido, a personagem não só faz uso das palavras do falar do Piauí como também cria novas palavras, as quais são possíveis pelas regras internas de formação de palavras da língua portuguesa.

Algumas expressões usadas cotidianamente no contexto social do Piauí foram inseridas no falar da personagem Chayene, a exemplo de curica (pequena ave brasileira com um canto agudo; termo usado para depreciar as empregadas da cantora, associando o canto desafinado das empregadas à voz da ave), ariranha (pequeno animal mamífero, da família da lontra; termo utilizado para depreciar a empregada), ronquifuça (voz rouca, como o som dos porcos; termo usado para expressar o estado de rouquidão da cantora), entre outras. Nosso interesse se debruça sobre as criações lexicais feitas por essa personagem, que não caracterizam um modo de falar da região, mas de um falante específico.

Os dados em análise são 15 palavras criadas pelos autores para a personagem Chayene e proferidas por esta personagem em diversas cenas da novela, coletadas no *site* da novela na *internet*. Qualitativamente, essas palavras têm a seguinte classificação: oito derivações (sete sufixais e uma parassintética); seis composições (quatro por aglutinação e duas por

---

<sup>9</sup> Existem duas obras que dão conta de diversas palavras características do Piauí: o *Novo Dicionário Rogério de Língua Piauiense*, de Rogério Russo (2008), e a *Grande Enciclopédia Internacional de Piauiês*, de Paulo José Cunha (2008).

justaposição, sendo uma com derivação sufixal) e um hibridismo, formado também com uma derivação sufixal. Apresentamos, a seguir, o Quadro 1, com as palavras do *Chayenês*, os morfemas constituintes e os processos de formação dessas palavras:

<b>Vocabulário <i>Chayenês</i></b>			
<b>Palavra</b>		<b>Processo de formação</b>	<b>Constituintes</b>
1	Trairinha	Composição por aglutinação	Trair + Ariranha
2	Patola de ursa	Composição por justaposição (com derivação sufixal)	Patola (pata + ola) + de + ursa
3	Bagulhão	Derivação sufixal	Bagulho + ão
4	Encencosa	Derivação sufixal	Encenca + osa
5	Desgrenhuda	Derivação parassintética	Des + grenha + uda
6	Catingenta	Composição por aglutinação	Catinga + fedorenta
7	Empreguete	Derivação sufixal	Empregada + ete
8	Patroete	Derivação sufixal	Patroa + ete
9	Paneleira	Derivação sufixal	Panela + eira
10	Revelante	Derivação sufixal	Revelar + nte
11	Rejuvelhecer	Composição por aglutinação	Rejuvenescer + envelhecer
12	Chumbreguetes	Composição por aglutinação	Chumbrego + empreguetes
13	Japonês de agulha	Composição por justaposição	Japonês + de + agulha
14	Personal dietista	Hibridismo (com derivação sufixal)	Personal + dietista (dieta + ista)
15	Perebíase	Derivação sufixal	Pereba + íase

Quadro 1 – Palavras do vocabulário *Chayenês*, coletadas do *site* da novela.

## **Composição**

Das palavras do *Chayenês* formadas a partir do processo de composição, observamos os dois tipos de possibilidade. Na composição por aglutinação, com os exemplos (1), (6), (11) e (12), percebemos a composição de verbo mais substantivo, exemplo (1); substantivo mais adjetivo, exemplo (6); adjetivo mais substantivo, exemplo (12); e verbo mais verbo, exemplo (11). Assim, consideramos que, nesse processo de formação de palavras, a partir de morfemas livres, existem diversas possibilidades de combinações possíveis. No exemplo (1), trairinha, temos a aglutinação do verbo trair com o substantivo ariranha, para designar uma característica da pessoa a ser nomeada, podendo ser equivalente à palavra

traidora. Chayene chamava sua empregada de ariranha e, para designar essa empregada como uma traidora, lançando mão desse recurso de formação de palavras, estabeleceu o substantivo trairanha.

O exemplo (6), *catinguenta*, é um adjetivo formado pela aglutinação do substantivo *catinga*, que designa um mau cheiro, com o adjetivo *fedorenta*, que aponta uma pessoa que está com um mau cheiro. Assim, essa formação é possível pela união de duas formas livres e se configura como um termo que denota intensidade: alguém *catinguento* é alguém com um mau cheiro mais uma *catinga*. Essa nova forma parece ser redundante semanticamente, e a significação dos dois vocábulos permanece na aglutinação. Chayene usou esse adjetivo para designar a si mesma, indicando que ela não estava em condições de receber visitas, como a do cantor Michel Teló, no episódio da novela.

A forma *chumbreguetes*, exemplo (12), traz o mesmo processo de formação, aglutinando um adjetivo com um substantivo, *chumbrego* e *empreguetes*, sendo este cunhado pela mesma personagem e analisado mais adiante. Essas duas formas livres foram ligadas trazendo uma nova palavra com sentido depreciativo, pois *chumbrego* refere-se a algo ruim, ordinário, que, unido ao substantivo *empreguetes*, expõe um juízo de valor da cantora Chayene sobre as suas empregadas: pessoas ordinárias, sem valor.

Já o exemplo (11), *rejuvelhecer*, configura-se como um caso interessante. Essa palavra consiste em uma aglutinação de duas formas livres, dois verbos que, a princípio, são contraditórios, porém, no uso criado por Chayene, ganham um significado específico e relevante: a palavra *rejuvelhecer* foi usada para designar a prática de melhorar a aparência da face que se desgasta ao longo da vida. Essa tentativa de melhorar a aparência tem essa dupla composição: ao passo que os produtos podem ajudar a rejuvenescer também contribuem para o envelhecimento da pele, tendo em vista que os produtos químicos causam efeitos na pele em que são aplicados. Nessa perspectiva, a criação lexical deu conta de trazer esses dois matizes num único vocábulo.

Também no processo de composição temos as palavras formadas por justaposição, exemplos (2) e (13). Em ambos os casos, temos uma justaposição sem alteração na forma dos vocábulos, ou seja, sem a junção ou interposição de hífen. Essas formas se justapõem com dois morfemas livres, intercalados com uma forma dependente, como teorizado por Câmara Jr. (1985), a preposição *de*. No exemplo (2), *patola*<sup>10</sup> *de ursa*, temos o processo

---

<sup>10</sup> *Patola* é uma derivação sufixal do substantivo *pata* com o sufixo *-ola*, que denota diminutivo.

de justaposição e também um de derivação sufixal, que será tratado mais adiante. Patola de ursa designa as mãos de Laércio no ato de pentear os cabelos de Chayene. O termo patola se refere a uma pata de animal, e o termo ursa foi utilizado para aludir à força do animal. Assim, patola de ursa designa uma forma forte ou enfática de usar as mãos.

O exemplo (13), japonês de agulha, é uma justaposição concebida pela associação feita entre o sentido e as experiências no mundo. Essa nova palavra foi utilizada para designar um acupunturista, profissional que trabalha com agulhas realizando tratamentos terapêuticos. Por generalizar que esses profissionais são originários do Japão, Chayene se utiliza dessa forma justaposta para nomear esse profissional.

Assim, no processo de formação de palavras por composição, percebemos que essas relações de combinação entre formas livres, com ou sem a utilização de formas dependentes, caracterizam-se por produzir novas palavras que agreguem os sentidos que pertencem às palavras que participam do processo, em que essas novas palavras são realizáveis a partir da necessidade de trazer para a comunicação esses significados, sem a necessidade de maiores realizações.

## **Derivação**

Com o processo de formação de palavras por derivação, observamos a presença de duas possibilidades de realização: a derivação sufixal, com os exemplos (3, 4, 7, 8, 9, 10 e 15), e a derivação parassintética, com o exemplo (5). A derivação sufixal, a mais utilizada no *corpus* analisado, consiste na inclusão de uma forma presa ao radical de uma palavra. Retomando Bloomfield, é a forma em que reconhecemos que existem elementos que só funcionam quando estão ligados a outros.

No exemplo (3), bagulhão, temos o sufixo –ão, que denota um aumentativo, derivando a forma com a forma livre bagulho, que se refere a algo desnecessário, desprezível. Com isso, bagulhão aponta a intensidade da forma livre inicial, tendo sido usada por Chayene para caracterizar sua situação em um determinado acontecimento: “Eu devo tá mermo (*sic*) um bagulhão sem esperança.”

A palavra encencosa, exemplo (4), derivada da forma livre encrenca com o sufixo –osa, que denota abundância, qualificação acentuada, teve seu uso para indicar a complexidade de uma situação, na qual existiam muitos

problemas e confusões, uma situação encrencosa. Esse uso de Chayene foi uma forma de atenuar a situação sem a necessidade de recorrer a outras palavras, como advérbio de intensidade ou expressões mais complexas. A estrutura interna de combinação da língua permite essas combinações, bem como nos permite reconhecê-las como tal, apesar de não fazerem parte do nosso cotidiano.

A forma presa -ete foi utilizada para a derivação dos exemplos (7) e (8). Forma utilizada para denotar um diminutivo, esse sufixo também possui uma carga depreciativa. Assim, empreguete foi o termo cunhado por Chayene para designar suas empregadas, indicando inferioridade dessas para com a patroa. Já com a forma patroete, formada com a mesma forma presa, esse tom depreciativo não é tão perceptível. O termo foi criado por Chayene para designar as patroas, e a ela mesma, que sofriam com as suas empregadas. A ideia de diminutivo permanece na forma patroete, porém sem o tom depreciativo que a forma empreguete apresenta.

O exemplo (9) tem uma questão interessante. O termo paneleira foi utilizado para designar a pessoa que trabalha com as panelas, a qual tem um termo próprio e comum para isso: cozinheira. Essa criação resulta da necessidade de intensificar um determinado aspecto da função da empregada, ao passo que ofusca outros. Para isso, a derivação foi realizada com a forma presa -eira, que denota estabelecimento comercial, repartição ou ação, sendo claramente perceptível como uma forma possível na língua portuguesa. Assim, a empregada paneleira é aquela que se dedica ou exerce sua função no âmbito da culinária, no trabalho com as panelas, em detrimento de outras atividades características da profissão.

Com a forma revelante, exemplo (10), observamos um processo de derivação possível na língua portuguesa: a mudança de verbos para adjetivos, com a inclusão da forma presa -nte, como em: importar – importante, pensar – pensante. Essa derivação consiste na adjetivação de uma ideia ou pessoa relacionada ao verbo (o que importa é importante, aquele que pensa é pensante). Assim, com a forma criada por Chayene, o que revela é algo revelante.

O exemplo (15), perebíase, consiste no mesmo processo, com a inclusão de uma forma presa do âmbito científico -íase, que indica uma enfermidade, como a hanseníase e a amebíase, em uma forma livre comum no contexto piauiense, e nordestino, o substantivo pereba, que designa

uma ferida no corpo. Assim, o termo criado pode ser considerado como redundante, já que a forma livre inicial e a forma presa adicionada denotam a mesma informação. Chayene utilizou o termo *perebíase* para designar as consequências de uma alergia que sofreu, ou seja, a *perebíase* seria uma doença que deixa ferida, ou marcas, no corpo.

Ainda tratando da derivação por sufixação, podemos aludir às diversas formas com que Chayene chamava sua empregada Rosário, derivando o nome da empregada com formas presas que compõem nomes próprios, como Rosélia, Rosilda Rosemary, Roseane, Rosalia, entre outros. Percebemos, assim, que a personagem Chayene se utiliza desse recurso de formação de palavras com inúmeras possibilidades, corroborando a ideia de Bloomfield de que, ao conhecer os morfemas da língua, os falantes seriam capazes de produzir palavras novas e diferentes.

No caso de derivação por parassíntese, exemplo (5), percebemos a utilização de duas formas presas em uma forma livre. *Desgrenhuda* é formada pelo substantivo *grenha*, que indica a desorganização dos cabelos, com o sufixo *-uda*, que forma adjetivos que denotam abundância, e o prefixo *des-* (que pode indicar oposição, negação, afastamento, mas também indica intensidade, reforço). Nesse caso, as duas formas presas reforçam simultaneamente a ideia dos cabelos desordenados, despenteados, sentido no qual Chayene utilizou o termo ao conversar com seu ex-marido Laércio.

### **Hibridismo**

O último exemplo de formação de palavras do *Chayenês* dá conta de outro processo possível na língua: o hibridismo. A expressão *personal dietista*, exemplo (14), nos mostra a associação de duas formas livres, uma do inglês e a outra do “Chayenês”, para designar o profissional que cuida da alimentação da cantora Chayene, a saber: a palavra *personal* é empregada com a mesma acepção da expressão inglesa *personal trainer*, tendo sido justaposta com o substantivo *dietista*, uma derivação sufixal realizada a partir do substantivo *dieta*, com o acréscimo da forma presa *-ista*, que denota uma profissão.

Essa expressão híbrida é construída a partir das relações entre as duas palavras. Acreditamos que tal criação híbrida pode ter sido realizada, justamente, por uma analogia à expressão *personal trainer* (profissional de Educação Física que orienta os exercícios e cuidados que um determinado



indivíduo precisa ter com o corpo) para nomear o profissional que cuidava de sua alimentação. Assim, no uso realizado por Chayene, o hibridismo *personal* dietista poderia ser substituído pela palavra nutricionista, termo dicionarizado da língua que dá conta do sentido que a personagem quis transmitir, sem nenhum prejuízo para a comunicação.

### **Considerações finais**

Podemos observar que, a partir da análise do vocabulário *Chayenês*, o funcionamento organizacional da língua apresenta diversas possibilidades de formação de palavras que são regulares e reiteráveis nas criações léxicas de possíveis novos usos da língua. Tal fato se deve às possibilidades de combinação das formas livres e presas (e dependentes), bem como das necessidades comunicativas dos falantes que realizam essas construções de maneira não aleatória, em desacordo com o sistema, mas sim segundo as regularidades e possibilidades do próprio sistema.

Por nossa análise ter sido centrada em usos linguísticos de uma falante em específico, e não de um grupo ou comunidade de fala, não podemos mensurar a dimensão que esses novos vocábulos assumiriam na sociedade, mesmo considerando a grande repercussão que esses termos obtiveram no dia a dia dos telespectadores que acompanharam a novela. Mesmo assim, acreditamos que, por conta da existência de palavras que substituiriam essas criações lexicais ou supririam as necessidades comunicativas dos falantes, as criações do *Chayenês* não chegariam a ser usadas cotidianamente e nem dicionarizadas, mesmo estando no campo das potencialidades da língua, em termos de formação de palavras.

Reafirmamos, assim, a importância dos estudos estruturais e distribucionalistas propostos por Leonard Bloomfield, os quais possibilitaram uma análise da estrutura da língua e das possibilidades de combinação de seus constituintes, que se tornaram importantes contribuições aos estudos morfológicos.

### **Referências**

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Lucerna, 1999.

BLOOMFIELD, L. [1926]. Um conjunto de postulados para a ciência da linguagem. In: DASCAL, M. (org.). *Fundamentos metodológicos da linguística*. Campinas: UNICAMP, 1978.

\_\_\_\_\_. *Le langage*. Paris: Payot, 1970. [1. edição: 1933].

BERTUCCI, R. A. O positivismo na teoria descritiva de Bloomfield. *Revista UEPG*. Ponta Grossa, 16 (1), 67-82, jun, 2008.

CÂMARA Jr, J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

\_\_\_\_\_. *Problemas de linguística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1997.

CUNHA, C. F. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: FENAME, 1976.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FRANÇOIS, F. Avant-propos. In: BLOOMFIELD. *Le langage*. Paris: Payot, 1970, pp. 7-29, [1. edição: 1933].

FREITAS, H. R. de. *Princípios de morfologia: visão sincrônica da derivação em português*. Rio de Janeiro: Presença, 1991.

GLOBO COMUNICAÇÕES E PARTICIPAÇÕES S. A. *Cheias de Charme*, 2012. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/cheias-de-charme>>. Acessado em 11 de junho de 2013.

KEHDI, V. *Morfemas do português*. São Paulo: Ática, 1996.

LAROCA, M. N. de C. *Manual de morfologia do português*. Campinas: Pontes; Juiz de Fora: UFJF, 1994.

MOUNIN, G. *A linguística do século XX*. Lisboa: Editorial Proença, 1973.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 2000.

WEEDWOOD, B. *História concisa da Linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.